



INVISIBILIDADE negra

A ausência de artistas afrodescendentes permeia toda a cultura brasileira, do cinema à música

» ADRIANA IZEL
» MAÍRA DE DEUS BRITO

Durante muito tempo, o Brasil ostentou a crença de ser um paraíso racial que teria escapado do racismo. Essa ideia surgiu, principalmente, por conta da comparação com outras nações em que o preconceito e a discriminação racial eram mais expostas. Essa ausência de questionamento sobre o assunto dificultou o enfrentamento do racismo no país (que sempre existiu).

Nos últimos meses, a Copa do Mundo foi responsável por despertar esse debate. A chamada diversidade brasileira foi contestada pela falta de negros nas arquibancadas dos estádios. Dentro do campo, a pouquíssima presença de crianças negras, que entravam ao lado dos jogadores, confrontou o evento que teve como um dos temas "Copa sem racismo".

A ausência de afrodescendentes no Mundial também é vista em outros ambientes como em cargos de chefia de empresas públicas e privadas, setores da educação e da saúde, e ainda no ambiente artístico. Na sétima arte, a situação foi comprovada por meio da pesquisa *A cara do cinema nacional*, desenvolvida no Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (Gemma), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

O estudo analisou os filmes nacionais de maior bilheteria entre os anos de 2002 e 2012 e mostrou que apenas 14% dos atores são negros e 4% das atrizes também. Os números ficam ainda mais alarmantes quando investigada a participação em roteiro e direção: 4% dos roteiristas e 2% dos diretores são homens negros. Nesses ambientes, não existe nenhuma mulher negra.

"O cinema é um microcosmo da sociedade brasileira, atravessada por desigualdades e mecanismos discriminatórios estruturais. No Brasil, os espaços de status e prestígio são reservados aos brancos. A baixa presença de realizadores e roteiristas negros é um sintoma disso. As mulheres negras são o maior exemplo desse processo: exaltadas como ícones de beleza e sensualidade no carnaval, elas estão excluídas da moda, da publicidade, da televisão e do cinema", explica Marcia Rangel, ao lado de Verônica Toste, as autoras da avaliação.

Além da pouca presença nas produções, a pesquisa indica que os 31% dos negros representados nos filmes estão sempre caracterizados a partir de estereótipos associados à pobreza e à criminalidade. "Os meios propagam um ideal de beleza inspirado nos padrões europeus. O racismo estético é muito presente, assim como a idealização da branquitude. O fato de o cinema ser dirigido, produzido e roteirizado, predominantemente por homens brancos, faz também com que o elenco dos filmes reflita a visão de mundo desse grupo e que os protagonistas escolhidos sejam parecidos com eles", defende a dupla de estudiosas. Pior, a sociedade cobra esse padrão.



» No cinema

Direção

84% são homens brancos
13% são mulheres brancas
2% são homens negros

Atores e atrizes

80% do elenco dos filmes de maior bilheteria são de cor branca
44% são homens brancos
14% são homens negros
36% são mulheres brancas
4% são mulheres negras

Presença mínima na literatura

A literatura parece espelhar o cinema. Entre os autores, há a predominância dos brancos, principalmente, os homens. Os personagens também são majoritariamente centrados no padrão estético branco. "Vejo um padrão de histórias e de personagens que não aborda a experiência do negro contada por ele mesmo", comenta a autora de *Um defeito de cor*, Ana Maria Gonçalves.

No livro *Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado*, a pesquisadora da Universidade de

Brasília (UnB) e coordenadora do Grupo de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Regina Dalcastagnè, comprova os poucos afrodescendentes na narrativa brasileira.

Dos 258 romances pesquisados, 79,8% dos personagens são brancos; 56,6% são de classe média; 81% são heterossexuais; 71,1% dos protagonistas são homens; e 56,3% dos adolescentes negros retratados nos romances atuais são dependentes químicos contra 7,5% de adolescentes brancos na mesma

situação. Quando a porcentagem analisa os autores, o quadro não se altera: 72,7% são homens; 93,9% são brancos; e 8,8% possuem ensino superior.

Já a música brasileira, para Marcia Rangel e Verônica Toste, é um terreno perigoso. As pesquisadoras acreditam que é um espaço com uma aparência mais democrática, porém, perpassada por mecanismos de apropriação da indústria cultural. "Basta recordar que muitos dos compositores negros da década de 1920 tiveram seus sambas

levados para o rádio por intérpretes brancos e não chegaram nem mesmo a gravar as próprias músicas", analisam.

Marcia e Verônica também apontam o apoderamento do axé e do funk por artistas não-negros. "O axé baiano se nacionalizou por meio de uma cantora branca, Daniela Mercury, assim como o funk chegou aos espaços mais elitizados na voz da Anitta, que tem passado até mesmo por transformações físicas para melhor se adequar a um padrão estético branco".

